

3 – O que você acha das eleições?

4 – Por que o voto é importante?

4ª Atividades da vida familiar.

Atividades sobre a família

d – Questionário

1 – Descreva como é sua família:

Minha família é... _____

9 – Como deveria ser o trabalho para todos serem felizes?

10 – Como deveria ser o meio ambiente para todos serem felizes?

11 – Faça uma história retratando a liberdade e a felicidade:

2ª Atividades da vida escolar.

Debate em sala de aula

b – Questionário

1 – O que representa a Escola para você?

2 – O que você espera dela?

3ª Atividades sobre a política.

A importância da política

c – Questionário

1 – O que é política?

2 – Você acha a política importante? Por quê?

ANEXOS

A pesquisa de campo foi realizada com crianças de 6 a 11 anos de idade, que estudam no Ensino Fundamental do Colégio Estadual Gilvan Sampaio de Rubiataba. As Atividades selecionadas foram:

1ª Atividade da vida diária.

Texto “A felicidade é uma conquista”

a – Questionário

1 – O que você mais gostou na história “A felicidade é uma conquista”?

2 – O que isso tem a ver com sua vida?

3 – Qual é seu conceito de felicidade?

4 – Você é feliz? Por quê?

5 – A liberdade traz felicidade? Justifique:

6 – Nos nossos dias, o que mais impede as pessoas de serem livres e felizes?

7 – Como deveria ser a família para todos serem felizes?

8 – Como deveria ser a saúde para todos serem felizes?

BIBLIOGRAFIA

GADOTTI, Moacir. *A filosofia para crianças e jovens e as perspectivas atuais de educação*. In: Filosofia para Crianças em Debate. Vol. 4. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIPMAN, Matthew. *Como nasceu filosofia para crianças*. In Filosofia para crianças. Vol. 1, Coleção Filosofia na Escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____, Matthew. *A filosofia vai à escola*. In Novas buscas em educação. Vol. 39. São Paulo: Summus, 1990.

SHARP, Na Margaret. *Experiência, significado e o desejável: Educação da imaginação*. In: Filosofia para crianças em debate. Vol. IV, Coleção Filosofia e Crianças. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WONSOVICZ, Sílvio. *Algumas reflexões sobre o ensinar a pensar, por meio da filosofia, no Brasil*. In: Filosofia para crianças em debate. Vol. IV, Coleção Filosofia e Crianças. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter Omar. & WAKSMAN, Vera. *Filosofia para crianças na prática escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Internet

<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/filosofia/pensar/#2>, acesso em 20/03/06, às 10:20 h.

FOELKER, Rita. *Filosofia Para Crianças – Educação para o Pensar*. Em Vantagens do ensino filosófico: <http://www.criticanarede.com./filos/ensinohotmail>, acessado em 07/03/06 às 21 h.

CONCLUSÃO

O tema escolhido para esta monografia foi complexo, pois tratou de uma prática docente desafiadora. Trabalhar filosofia na infância não é fácil, exige realmente além de muita determinação, um bom embasamento teórico e um grande compromisso com a mudança. Mas, infelizmente, ainda predomina na maioria das salas de aula, a prática de uma pedagogia tradicional por meio da qual os alunos devem se adequar aos “moldes” ali estabelecidos, predominando a idéia de que a criança não possui um conhecimento prévio, “o professor ensina e o aluno aprende”.

Porém concluí-se que atualmente, embora ainda em pequena escala, inicia um processo inovador de educação nas escolas, o qual está se estendendo pelas famílias e atingindo a sociedade, contando com a co-participação até mesmo da mídia com o propósito de mudar esta realidade. Desta forma, este trabalho proporcionou a oportunidade de ampliar experiências por meio de um estudo sobre a filosofia na infância, onde a pesquisa bibliográfica contribuiu bastante, assim como, a pesquisa de campo.

Portanto, este trabalho mudou para sempre a concepção diante de qualquer situação que a partir de agora tivemos que enfrentar na vida, na família, na sociedade e no trabalho. Pois mostra que a grandiosidade do potencial humano, independente de ser uma criança, um adolescente, um jovem e/ou um adulto. Todas as pessoas por mais que não aparente, traz em si uma bagagem grande de conhecimento e capacidade para adquiri-lo.

Neste sentido, todos os educadores podem ser parceiros autênticos nesse processo de conscientização e mobilização, educacional e social, das causas e efeitos da desinformação sobre o valor de trabalho filosoficamente com as crianças, e com sua participação contribuir com o processo de inclusão desta metodologia na escola, pois as crianças são muito mais capazes do que podemos imaginar, elas precisam apenas de oportunidade, credibilidade e incentivo, para aprender desde cedo a exercerem sua elementar cidadania.

difícil estabelecer a comunicação e interação com os docentes, pais e alunos. Todos se colocaram à disposição, se sentiram muito felizes e orgulhosos em poderem colaborar. Não foi usado apenas questionário, mas também textos, debates e outras pesquisas. O trabalho foi embasado ainda, em observações e conversas informais, foi uma experiência ímpar para aprender um pouco mais sobre o assunto, um embasamento teórico e experiências fantásticas.

- Política é o modo correto de governar um estado, só que nem sempre isso acontece. Infelizmente existem muitos políticos trambiqueiros, apesar de alguns serem sérios e lutar pelo bem do estado. A política é muito importante porque ajuda a comandar os estados, municípios e países. A eleição é a forma de escolher os governantes e o voto é muito importante, pois é a oportunidade que temos de escolher nossos governantes e não deixar que os poderosos põem quem eles quiserem. Assim, o povo pode participar do crescimento de sua região.

D – Amanda Gabriela – 6 anos, 2ª série, aluna da Professora Clédina Silva Branquinho (graduando em filosofia), após um trabalho em sala de aula sobre a família, fez o seguinte relato:

- Minha família é composta pelo papai, a mamãe, eu e meu irmãozinho. Meu papai se chama Uesley, ele trabalha na prefeitura como diretor financeiro e é formado em administração. Minha mamãe se chama Sônia, ela trabalha no Colégio Estadual Raimundo Santana Amaral de auxiliar de secretaria e ela é formada em filosofia. Meu irmão se chama João Pedro e tem um ano e três meses. Eu sou Amanda Gabriela, tenho seis anos de idade e estudo na 2ª série “C” no Colégio Estadual Gilvan Sampaio. Minha família é amorosa comigo e unida. Eu amo a minha família.

Na pesquisa de campo, foi possível perceber que se trabalha de forma aberta, natural e objetiva a criança é capaz de nos surpreender. O que muitas vezes prejudica o crescimento acadêmico de um aluno é que: tanto a família quanto a sociedade, e o que é pior, a maioria dos professores não acreditam no seu potencial e poucos contribuem com o seu crescimento no sentido de incentivar, ajudar com as tarefas de casa, leitura, interpretação crítica, reflexão e outras. Muitas crianças ficam somente sob a responsabilidade da escola e outras nem têm a oportunidade de estudar. A escola tem algumas limitações, falta estrutura física, pedagógica, formação humana e profissional para lidar com as diferentes situações de aprendizagem.

Os quatro alunos aqui relacionados são de um modo geral muito amável, extrovertidos, carinhosos, inteligentes, mas o que mais destaca é o apoio e incentivo da família, bem como a forma que são trabalhados em sala de aula.

As pesquisas foram realizadas no período de fevereiro a maio de 2006. O contato com as famílias, escolas (professoras) e os próprios alunos foi estabelecido sem obstáculos, visto que as aulas acontecem em sala de aula normal na escola pública supracitada, não foi

2.2. Qual é a realidade da prática docente

Foi feita uma pesquisa com quatro alunos do Ensino Fundamental, que atualmente estudam na Escola Estadual Gilvan Sampaio em Rubiataba. As atividades abrangeram assuntos da vida diária, da vida familiar, da vida escolar e política:

A – Juliene Mendes – 8 anos, 3ª série, aluna da Professora Hélia da Penha Fernandes (graduada em filosofia), após ler e refletir o texto “A felicidade é uma conquista” de Maria Inês Carniato, fez a seguinte interpretação sobre o assunto abordado:

- Não devemos ser egoístas, mas partilhar o que temos, mesmo que seja pouco. Pois a felicidade consiste em viver bem, principalmente em um ambiente familiar, até mesmo se não tiver tudo. O importante é viver em harmonia. Afinal, em nossos dias o que mais nos impede de ser felizes é a imprudência, a violência e deslealdade. Assim, a família unida é a melhor forma de superar todos os obstáculos e para que haja felicidade verdadeira, ninguém deveria ficar doente, todos deveriam ter seu trabalho e salário digno, respeitar a natureza e as pessoas.

b – Ianca Gontijo Cavalcante Santana – 9 anos, 5ª série, aluna da Professora Marcella de Fátima Lacerda (graduada em filosofia), após um debate em sala de aula sobre o que a escola representa para as pessoas e o que os alunos esperam dela, fez a seguinte descrição:

- A escola é o meu segundo lar, pois eu a amo muito. Ela é o alicerce que me faz crescer a cada dia, me tornando uma criança obediente, educada e cheia de conhecimento. A escola é o símbolo da educação, pois a cada dia aprendo a respeitar as pessoas, conviver com as diferenças a perceber o que é bom e o que é ruim, e acima de tudo que sem a educação não podemos ser nada na vida. Estudando cada vez mais, espero que a escola abra portas para que eu e outras crianças tenhamos um futuro brilhante. Somente a escola poderá salvar milhões de crianças que vivem nas ruas, sem famílias e sem objetivos. Para que a escola ajude outras pessoas é preciso que cuidemos bem dela, pois é o nosso bem mais precioso. Espero que outras crianças tenham a oportunidade de estudar em uma escola tão maravilhosa quanto eu.

c – Luís Fernando Reis Marra – 11 Anos, 6ª série, Filho de Girlene Aparecida Marra (graduada em filosofia), ao ser questionado sobre o que é a política, e sua importância para a sociedade, fez a seguinte dissertação:

conteúdos escolares não podem se limitar aos conceitos e sim devem incluir procedimentos, habilidades, estratégia, valores, normas e atitudes. E tudo deve ser assimilado de tal maneira que possa ser utilizado para resolver problemas nos vários contextos.

Art. 4º - O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III – atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino; (Lei nº 9.394, 1996, Ar. 4º Incisos I a III).

Nesta linha, as escolas ajustam seus regimentos escolares às normas legais vigentes. Um exemplo é o que está normatizado no regimento da escola:

Art. 6º - São objetivos gerais do Estabelecimento de Ensino, proporcionar ao educando formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação ou qualificação para o trabalho e em estudos posteriores, bem como: o preparo para o exercício consciente da cidadania, tendo pro fim:

I – Estimular o desenvolvimento de aptidões intelectuais morais e cívicas do educando, transmitindo-lhe conhecimentos suficientes com lucidez de tudo àquilo que lhe for ensinado; de modo a ser capaz de adaptar com flexibilidade as novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

II – Valorização do ensino como principal instrumento usado pela escola no processo educativo;

III – A compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, da família, do Estado e dos demais grupos que compõem a comunidade;

IV – O respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;

V – O fortalecimento da unidade como participante de uma rede nacional de ensino;

VI – O desenvolvimento integral da personalidade humana e sua participação na obra do bem comum;

VII – A preservação e expansão do patrimônio cultural;

VIII – A preservação e utilização racional do meio ambiente;

IX – A condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de condição filosófica, política ou religiosa, bem como a qualquer preconceito de classe ou de raça;

X – Proporcionar a socialização da criança através da participação numa comunidade mais ampla onde ela descubra e exercite as regras próprias do convívio social;

XI – Conscientizar a criança da realidade em que vive e das responsabilidades que deve assumir, através da adequada educação sensorial favorecendo, assim, seu desenvolvimento harmonioso;

XII – Fundamentar todo o trabalho numa filosofia de amor à criança, despertando-lhe alegria pela vida e perfeita integração no grupo social em que vive.⁶

Nesta ótica, cada indivíduo na sua singularidade deve ser percebido e respeitado como Ser integrante da sociedade, onde quer que ele se encontre.

⁶ Artigo 6º, Inciso I a II – Regimento Escolar da Escola Estadual Gilvan Sampaio de Rubiataba – Goiás.

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
VII – valorização do profissional da educação escolar;
VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
IX – garantia de padrão de qualidade;
X – valorização da experiência extra-escolar;
XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (Lei nº 9.394, 1996, Art. 2º e 3º Incisos I a XI).

O ensino fundamental, de acordo com a Constituição Federal e a LDB, é obrigatório, gratuito e constitui direito público subjetivo. Deve ser assegurado pelo poder público a quem cumpre oferecê-lo a toda população, proporcionando as condições necessárias para sua integralização, sem qualquer embaraço ou obstáculo, ao longo de nove anos ininterruptos. Nesse sentido, a avaliação deixa de ser um procedimento decisório quanto à aprovação ou reprovação do aluno, pois, é preciso varrer da realidade educacional atual a “pedagogia da repetência e da exclusão” e instaurar definitivamente uma “pedagogia da promoção humana e da inclusão”. O conceito de reprovação deve ser substituído pelo conceito de aprendizagem progressiva e contínua.

O direito à Educação Básica consagrada pela Constituição Federal de 1988 e pela LDB de 1996, representa uma demanda essencial das sociedades democráticas e, vem sendo exigido, vigorosamente por todo o País, como, garantia inalienável do exercício da cidadania plena.

A conquista da cidadania plena, da qual todos os brasileiros são titulares, supõe, portanto, entre outros aspectos, o acesso à Educação Básica, constituída pela Educação Infantil, Fundamental e Média. Uma política nacional para a infância é um investimento social que considera as crianças como cidadãos em processo e alvo preferencial de políticas públicas.

A educação básica e a qualificação profissional constituem requisitos fundamentais para o crescimento econômico, para a competitividade internacional e, como meta principal, para a melhoria da qualidade de vida da população. Significa dizer que é preciso alterar, com urgência, o perfil do desempenho da educação brasileira.

Assim, a escola deve ter como meta principal a formação integral e funcional dos educandos, ou seja, a aquisição de capacidade de todo tipo: cognitivas, motoras, afetivas, de autonomia, de equilíbrio pessoal, de inter-relação pessoal e de inserção social. Deste modo, os

de décadas de pesquisas, Lipman chega à conclusão de que o impacto dessa filosofia nas crianças não pode ser observado imediatamente, mas o impacto nos adultos de amanhã poderá ser tão espantoso que nos lamentaríamos por tê-las privado até hoje do acesso à filosofia

Segundo Platão e Aristóteles, a admiração é o princípio da filosofia. Para os filósofos antigos e também para os modernos como Descartes, a admiração está na raiz da dúvida, da interrogação e da investigação, portanto, no início do filosofar. É próprio do pensar infantil a imensa capacidade de admirar o mundo, no processo de construção de significados e valores. O adulto já tem suas certezas e seus valores e está em meio a tantas preocupações cotidianas, a tantos desencantamentos, que perde a capacidade de admirar-se perante a existência.

Se as crianças podem fazer filosofia, elas devem fazê-la com estilo. Se esse estilo pode ser identificado, ele pode, portanto ocupar seu lugar nessa república estilística onde todos os estilos filosóficos acham-se em pé de igualdade, e pode servir, com efeito, para contestar a opinião daqueles para quem infância e filosofia são necessariamente incompatíveis (LIPMAN, 1990: p.40)

Portanto, ao se trabalhar a filosofia com as crianças, percebe-se facilmente que elas têm inclinação natural para a curiosidade, admiração, indagação, discussão e reflexão. Esses são traços cognitivos do empenho que a criança faz para descobrir como as coisas funcionam no mundo. Os conceitos de bem, verdade, tempo, amizade, liberdade, amor, são centrais para o modo como a criança constrói o mundo.

2.1. O que diz a legislação brasileira atual

A edição de uma nova LDBEN (Lei nº 9.394/96), representa apenas uma sinalização dos novos caminhos a percorrer. Sua função é abrir perspectiva. Deve ser tomada não só como um instrumento que norteia as atividades da educação escolar, mas principalmente como em compromisso de luta dos educadores no sentido de exigir medidas efetivas para a valorização dos profissionais da educação, dentro de uma política educacional que privilegie a escola pública de qualidade:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade e pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

*Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;*

esta implantação deve ser uma proposta da escola e culminar, oportunamente, com a sua inserção no Projeto Político Pedagógico. A participação de todos os membros da comunidade escolar é imprescindível para que a proposta possa ser caracterizada como autônoma. Havendo a participação da comunidade escolar no processo de escolha pela filosofia, por uma questão de coerência é necessário o envolvimento de todos para que a proposta tenha êxito.

Vygotsky, em “Mind and Society”,⁵ mostra a diferença entre o aprendizado individual e aquele em comunidade, o pensamento cooperativo. Neste último, as crianças constroem umas sobre as idéias das outras de tal modo que, ao final, todas elas estão atuando no mais alto nível de participação verbal e de raciocínio. O compromisso com a investigação deve ser manifestado no modo como o professor participa do processo de ensinar. O amor pelas idéias, o compromisso com o procedimento, a disposição em construir sobre as idéias dos outros, a humildade, a exigência de honestidade e o questionamento devem ser evidentes na interação do professor com as crianças como um grupo.

Uma educação dialógica em que as crianças são incentivadas a investigar, entre si mesmas, sobre amor, integridade, verdade, regras, padrões, respeito, amizade, identidade, propriedade, liberdade e justiça; é um processo que pode guiar as crianças em direção a um estágio moral que elas já internalizaram. O benefício desta educação fica evidente na capacidade das crianças de responder eticamente, se surgir a necessidade.

Embora a filosofia acadêmica tenha esquecido a infância e Platão tenha uma concepção filosófica elitista, as primeiras indagações filosóficas sobre “*o que é a criança*” e qual o melhor meio para se educá-las, nasceram na Grécia, exatamente com Platão e Aristóteles. Tanto que Jaeger aponta Platão como o fundador da pedagogia da primeira infância. Ainda assim, os gregos não reconheciam as capacidades infantis.

A criança entra pela primeira vez no tempo ocidental na teoria platônico-aristotélica do eu tríplice e suas vicissitudes. Na criança, o equilíbrio entre as três dimensões do eu – apetite, vontade e razão – está ontogeneticamente desbançado. A criança carece de razão. Por isso, Platão considerava que as crianças eram modelos do apetite indomado e da vontade descontrolada. (...) A única virtude das crianças parece ser o fato de serem ‘facilmente moldadas’, isto é, elas podem ser convertidas em adultos(KOHAN, 2000: p.79).

Mas foi Rousseau quem revolucionou a pedagogia, como o filósofo da infância que mais se preocupou com a relação entre a crianças, o adulto e a sociedade. Rousseau entra em diálogo com o mundo infantil e não ignora suas muitas potencialidades. Entretanto, depois

⁵ Trecho retirada da internet, site <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/filosofia/pensar/#2>, acesso em 20/03/06, às 10:20 h.

CAPÍTULO II

2. A FILOSOFIA E AS CRIANÇAS

Sabemos que se a próxima geração deve emitir juízos morais e políticos corretos em relação aos problemas de nossa sociedade, as crianças de hoje já tem um método para avaliar sua sociedade e seu estado ideal e atual. por isto, elas devem ser incentivadas a questionar seus próprios valores, assim como os valores universais da sociedade dentro do atual contexto de globalização. Isso é educação moral em sua mais ampla acepção. “Quando realmente utilizamos *método*, é que realmente começamos a existir... Nas ações que têm método, nós agimos... nós realmente agimos”.⁴ Entretanto, A internalização de uma nova metodologia requer tempo, e precisa que os professores entendam de crianças, de raciocínio e de pedagogia. Não há dúvida de que as crianças podem pensar por si mesmas a respeito de qualquer tipo de assunto. Para perceber a sofisticação de seus raciocínios, é preciso apenas escutar uma conversa entre elas.

Os filósofos e as crianças têm, portanto, uma importante característica comum. Podemos dizer que um filósofo permanece a sua vida toda tão receptivo e sensível às coisas quanto um bebê. (...) Só os filósofos têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência (GAARDER, 1995: p.30-31).

Desta forma, as crianças precisam ser redirecionadas para que possam iniciar o pensar do pensar descuidado, dentro de uma comunidade de sala de aula. Esse pensar melhor logo se transfere para um melhor falar, escrever e ler. Além disso, oferece às crianças as ferramentas que necessitam para pensar por si mesmas sobre quem são e sobre o que suas condutas devem refletir. As crianças sentem-se incentivadas a pensar sobre que tipo de pessoas gostaria de ser e em que tipo de mundo gostaria de viver. A elas também são dados os meios para criarem uma sociedade e um mundo qualitativamente melhor. Portanto, a única disciplina que pode enfrentar esse desafio é a filosofia.

Mas a implantação da filosofia nas escolas deve ser resultante de um processo discursivo onde haja espaço para a manifestação de desejos e preocupações de forma que a opção seja decorrente de um amadurecimento no nível das discussões. A opção favorável à

⁴ Citação retirada da internet, site <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/filosofia/pensar/#2>, acesso em 20/03/06, às 10:20 h.

A importância da avaliação vem crescendo na medida em que a educação ganha mais espaço. Assim, quando se fala em avaliação é preciso esclarecer o que está falando. A avaliação do desempenho dos alunos deve ser entendida sempre como um instrumento a serviço da aprendizagem, da melhoria do ensino do professor, do aprimoramento da escola. Ela serve para qualificar a aprendizagem, identificar problemas, encontrar soluções, corrigir rumos e acertar o passo de todos e de cada um.

É verdade que a avaliação é mesmo um poderoso instrumento a serviço da qualidade do ensino. Se for possível identificar o que os alunos sabem e deixam de saber, é possível também repensar a capacitação docente, modificar os métodos de ensino que são empregados, centrar os esforços naquilo que demonstra ser mais difícil de aprender. Quando se conhece os problemas, eles podem ser enfrentados. Nessa medida, a avaliação busca, essencialmente, acompanhar o processo de ensino-aprendizagem para poder aprimorá-lo.

Na verdade, todo bom ensino começa e termina com avaliação. Aprender requerer a construção de processos bem elaborados de avaliação, interferência docente precoce e sistemática, em especial junto aos alunos em posição mais frágil, por esse motivo é que a LDB exige compromisso profissional com a prática docente, e político com a educação sem avaliação, ou com avaliações mal concebidas, não se monta uma estratégia de aprendizagem; e é justamente a falta dessa estratégia que leva à exclusão. O mais triste é que não existe exclusão sem inclusão. Sempre há o risco de que a delinquência, a mendicância ou a rua inclua aqueles que a escola excluiu. Esta é a dura realidade: sem avaliação não se constrói uma boa escola, e sem uma boa escola não se constroem bons cidadãos.

Neste sentido, a avaliação deve ser vista como instrumento importante no fazer pedagógico. Ela mostra os pontos frágeis do ensino ministrado aos alunos, permitindo que novas formas de ensinar sejam elaboradas. Auxilia na identificação dos docentes que estão precisando de atualização profissional e pode subsidiar a definição de metas que a escola se propões a alcançar no projeto pedagógico. Usada dessa forma, ela é tanto tarefa pedagógica como administrativa. Atividade capaz de promover o sucesso da aprendizagem e a permanência bem-sucedida de alunos na escola.

Para muitos professores, antes valia o ensinar. Atualmente, a ênfase está no aprender. Isso significa uma mudança em quase todos os níveis educacionais: currículo, gestão escolar, organização da sala de aula, tipos de atividades e, claro, próprio jeito de avaliar a turma.

O professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria com crianças e adolescentes, prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à turma, ele pauta seu trabalho no jeito de fazer a garotada desenvolver formas de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia.

A avaliação formativa não tem como pressuposto a punição ou premiação. Ela prevê que os estudantes possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes. Por isso, o professor diversifica as formas de agrupamento da turma.

A Resolução do Conselho Estadual de Educação que normatiza a avaliação no Estado de Goiás: determina que “a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos”. Da mesma forma, os resultados obtidos pelos estudantes ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota da prova final:

Art. 3º A avaliação da aprendizagem escolar, nos termos desta Resolução, orienta-se por processo diagnosticador, formador e emancipador, devendo realizar-se contínua e cumulativamente, e com absoluta prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos formativos sobre os informativos, visando a atender ao disposto no artigo 2º, desta Resolução.

Art. 4º O processo de avaliação da aprendizagem escolar deve considerar, cotidianamente, a efetiva presença e a participação do aluno nas atividades escolares, sua comunicação com os colegas, com os professores e com os agentes educativos, sua sociabilidade, sua capacidade de tomar iniciativa, de criar e de apropriar-se dos conteúdos disciplinares inerentes à sua idade e série, visando à aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento das habilidades de ler, escrever e interpretar, de atitudes e de valores indispensáveis ao pleno exercício da cidadania.³

Nesta perspectiva, para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Assim, o professor poderá pensar em caminhos para que todos alcancem os objetivos. Afinal, este não é um ato apenas para identificar problemas de aprendizagem, mas necessidades.

Se seu objetivo é fazer com que todos aprendam, uma das primeiras providências é sempre informar o que vai ser visto em aula e o porquê de estudar aquilo. Isso é parte do famoso contrato pedagógico ou didático, aquele acordo que deve ser estabelecido logo no início das aulas entre estudantes e professor com normas de conduta na sala de aula.

³ Resolução do CEE Nº 194/05 Art. 3º e 4º.

eticamente neutra. Na verdade, se estas questões não forem encorajadas, haverá sim razões para pensar em que medida o pensamento crítico é ele próprio encorajado.

Enfim, para muitos professores, uma das características mais cativantes da filosofia para crianças é promover a turma como um “grupo de busca” no qual se debatem idéias num ambiente de abertura e respeito. Assim, cada estudante é visto como alguém que pode dar contributos valiosos aos tópicos em questão. Todos devem ser encorajados a desenvolver a capacidade de escutar e compreender as idéias dos outros, a vontade de sustentar as suas próprias idéias em boas razões e a abertura à possibilidade de modificar crenças à luz de novas considerações. Em suma, a sala de aula é concebida com o objetivo de reforçar o potencial de razoabilidade do estudante.

1.1.2. A avaliação escolar e a filosofia

Os professores que olham com agrado para a sala de aula, não podem, todavia, resistir à idéia de que a filosofia acaba sendo o centro da discussão e argumentação, e que as outras matérias se adaptam bem à construção de um ambiente de aprendizagem cooperativa. Embora não tenham de negar este argumento, os defensores da Filosofia para Crianças podem fazer notar o sucesso desta forma de trabalhar e mostrar como a filosofia é adequada para promover a razoabilidade das crianças.

A participação e a construção de uma educação que tem a cara de uma nova realidade é apenas resultados de leis que criam novas formas de funcionamento e de organização da educação. É fruto também do atual compromisso com um projeto de sociedade, de educação e de uma ação concreta no dia-a-dia, da escola e do contexto das políticas educacionais. A qualidade dessa participação é resultado da capacidade de refletir a realidade local e global e de analisar o texto e o contexto da atual LDB:

- V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:
- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
 - b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
 - c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
 - d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
 - e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;²

² Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional Nº 9.394/96 Art. 24 Inciso V, alíneas a – e.

no entanto, não é acrescentar mais uma disciplina nas escolas. Mas através das disciplinas já existentes, convidar os alunos a refletir sobre as relações entre as diferentes áreas de investigação e a dar sentido às suas experiências educacionais como um todo, a filosofia pode acrescentar significado à educação dos estudantes como um todo. Além disso, a filosofia pode dar importantes contributos a uma área de interesse transversal do currículo: o pensamento crítico.

Com esta visão os educadores que têm conhecimento na área filosófica, acreditam que a filosofia venha adquirir um lugar importante no currículo, permitindo aos estudantes a capacidade de desenvolverem as suas competências de pensamento crítico através da interrogação filosófica; e ao mesmo tempo, ajudá-los a compreender melhor as suas experiências educativas. Procurando desenvolver perspectivas abrangentes, a filosofia tenta entender conexões. Pois um currículo que divide a educação dos estudantes em disciplinas descontínuas e confinadas a si próprias sem encorajar perguntas filosóficas acerca da natureza dessas disciplinas e das suas relações recíprocas estimula uma visão fragmentada da educação, uma vez que:

Quando as crianças discutem as circunstâncias que seriam necessárias para tornar uma dada afirmação verdadeira (ou falsa), elas começam a perceber com uma intensidade consideravelmente maior o verdadeiro significado dessa afirmação. E quando discutem a noção de verdade, começam a perceber a complexidade de noções que aceitaram anteriormente sem questionar (Ibidem, p.172).

Embora concedendo que há características gerais do pensamento crítico transversais às várias disciplinas, estas características só adquirem significado nos contextos específicos das disciplinas (como história, sociologia, biologia, química). Todavia, a menos que as diferentes disciplinas formulem questões acerca dos seus pressupostos básicos e das suas relações recíprocas, o pensamento crítico no interior dessas disciplinas deixará passar questões importantes que merecem atenção. A filosofia formula essas questões acerca das outras disciplinas e também acerca de si própria.

Assim, sendo, os professores podem convidar os estudantes a refletir sobre os aspectos filosóficos das matérias. Ao mesmo tempo em que estudam história, eles podem dispensar algum tempo a formular questões sobre até que ponto as explicações históricas são objetivas – e questões acerca do significado do conceito de objetividade e por que razão é ou não importante tentar alcançá-la. Questões semelhantes podem ser feitas acerca das ciências sociais e naturais, incluindo questões sobre até que ponto a ciência é, ou deveria ser,

sentir-se vulneráveis, quando muitas vezes, estão confiantes nas suas respostas às questões formuladas, sendo que:

O interesse da educação foi tradicionalmente a transmissão de conhecimento de uma geração para outra. O que a geração mais velha sabia era ensinado e aprendido pela geração mais nova; virtualmente inalterado. Na medida que a educação era entendida como a iniciação da criança nos conhecimentos do mundo adulto, o foco estava em aprender o que os adultos já sabiam ou pensavam saber(LIPMAN, 1990, p.163).

Entretanto, atualmente as diferentes situações emergentes vêm acrescentar uma pressão crescente para que os professores demonstrem que os seus estudantes tenham desempenhos satisfatórios nas disciplinas fundamentais. Testes padronizados são habitualmente usados como medida da realização dos alunos. Caracterizados por perguntas e respostas definitivas e sem ambigüidades, não há lugar nesses testes para premiar a reflexão filosófica. Na medida em que o desempenho dos estudantes está ligado ao financiamento das escolas, essa não é uma questão que os professores podem encarar de ânimo leve, por mais cépticos que sejam acerca do valor educacional de preparar os seus estudantes para bom desempenho em testes padronizados, sendo assim:

O currículo deve mostrar continuidade afetiva bem como cognitiva. A confrontação entre a criança e o currículo deve produzir estimulação de modo que incite à reflexão e à investigação. Deve haver desafio intelectual, mas apresentado de modo a ser emocionalmente estimulante. É este estímulo que motiva a criança a investigar as situações em que se encontra; contudo, é o currículo que fixa o tom, como se diz, e dá a quantidade situacional que orienta a investigação resultante (Ibidem, p.169).

Nesta perspectiva, as adequações curriculares constituem, pois possibilidades educacionais de os professores atuarem frente às dificuldades apresentadas, não com a construção de um novo currículo, mas com a implementação do atual, de forma que este realmente atenda às expectativas de educandos e educadores. Nestas circunstâncias, porém, tais adequações implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem:

- a) o que o aluno deve aprender;
- b) como e quando aprender;
- c) que formas de ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem;
- d) como e quando avaliar o aluno.

Desta forma a introdução de filosofia nas escolas, sublinha as vias através das quais a filosofia pode enriquecer toda a experiência educacional dos estudantes. O objetivo,

Nesta visão, percebe-se que a influência da filosofia no aprendizado dos alunos é como se eles fossem guardados em uma porção de partículas, de elétrons numa trajetória livre, com o tempo uns vão esbarrando nos outros e explodem, eles se transformam, passam a ver seu dia-a-dia diferente, passam a acreditar nos seus pensamentos, como se estivessem saindo do escuro e passassem a enxergar a luz do dia e toda beleza que se encontra a seu redor. É como se saíssem da caverna de Platão e realmente deixassem de ver sombras para encarar a luz do sol.

1.1.1. A filosofia e o currículo escolar

Uma filosofia para crianças e jovens não estaria preocupada em formar discípulos para perpetuar uma certa corrente filosófica, uma certa visão de mundo, mas para ajudar a pensar e a transformar o mundo. Conhecer a filosofia como uma especialidade e derrotá-la antes mesmo de iniciar a batalha por ela (GADOTTI, 2000, p.28).

De acordo com as idéias de GADOTTI, para se fazer filosofia na sala de aula não é necessário adentrar um universo complexo e cheio de termos técnicos e conhecer as várias tradições e sistemas de pensamento. Nesse sentido, a filosofia é um assunto que não interessa apenas a especialistas e profissionais, porque todos os seres humanos em alguma circunstância da vida filosofam. Afinal, entende-se também, que filosofar é próprio do ser humano racional, que se defronta com perguntas como: *O que você pensa de si mesmo? O que você pensa do mundo?* Estes são enigmas que, de uma forma ou de outra, as pessoas precisam lidar com eles. Pois para GADOTTI (2000), é mais importante que os seres humanos aprendam a pensar e a refletir de maneira coerente e filosófica em suas questões existenciais, do que uns poucos intelectuais ficarem especulando sobre conceitos que permanecerão restritos a eles.

Mas uma vez que o currículo escolar já está sobrecarregado, e que a pressão para fornecer provas quantificáveis do domínio das disciplinas fundamentais de português, história, literatura, matemática, ciências... São cada vez maiores, existe um questionamento da conveniência de acrescentar filosofia ao currículo escolar, não apenas como mais uma disciplina, mas quem sabe com uma ênfase maior de sua relevância na vida. Apesar de os assuntos de filosofia não serem um conhecimento familiar para a maioria dos professores, e estes poderem ter receios quanto à sua introdução nos conteúdos escolares e com as suas interações contínuas, interferir com o domínio das disciplinas que já fazem parte do currículo, é que dada a natureza perturbadora da investigação filosófica, os professores podem

que a eles interessam mais, gerando assim, grandes discussões e envolvendo a maioria dos alunos. Depois destes textos já não precisa nem pedir que leiam, eles próprios já procuram os textos que querem discutir e relacionam com os outros que estão estudando. A partir destas iniciativas, os alunos tomam a frente dos debates, escolhem o tema que querem discutir na próxima aula e começam a se ocupar com ele, cada um expõe sua opinião pessoal, discute a do outro, indaga, replica, contesta, concorda e acontece uma explosão de idéias, de sentimentos, a sala de aula transforma-se realmente numa grande comunidade de investigação, não só para os alunos como também para o professor.

Lido e compreendido o texto, é preciso que as próprias crianças determinem os temas, idéias ou problemas que acharam mais significativos e interessantes. Este é momento crucial: o ponto de partida da discussão filosófica será o interesse das crianças se a intenção é comprometê-las num diálogo significativo para elas. É certo que algumas vezes, especialmente quando o grupo amadureceu e internalizou de maneira adequada seus procedimentos de trabalho, o docente, como parte integrante desse grupo, poderá propor um começo para o debate (Idem, p. 96 e 98).

Nesta perspectiva, se todo professor agir ao inverso de despejar um amontoado de conceitos, fórmulas, conteúdos; investigar coisas a fundo, dialogando com os alunos numa relação de troca, onde o professor também é um pesquisador e, despertado esse tipo de comportamento no aluno através do exemplo, ele também investiga, procura resposta, está em formação, interessa pelas formas do saber e mantém com ele uma relação aberta, de troca e não manutenção, de posse, mas sim de curiosidade, de elaboração pessoal, de construção, desconstrução e reconstrução contínua. A busca filosófica transforma-se em investigação permanente durante todos os momentos de interação pedagógica, ela permeia o aprendizado, trabalha a criatividade na busca de respostas e levantamento de hipóteses, trabalha o raciocínio, amplia a compreensão de mundo, aumenta a curiosidade e não permite a passividade de aceitar as situações e conformar-se, alunos e professores só têm a ganhar nessa busca, ela os tira do marasmo e modifica sua relação frente ao mundo. Desta forma, podemos confiar que se:

Acreditamos no valor da educação que leva à reflexão. Crês nisso é querer que nossos alunos sejam pensadores autônomos, daqueles que pensam por si mesmos, que são gestores e não só repetidores do que outras pessoas dizem e pensam. Pensar por si mesmos é fazer julgamentos baseados em critérios escolhidos por sua própria conta, a partir de constatações pessoais racionais. Pensar por si mesmo é formar sua própria visão de mundo e desenvolver concepções próprias acerca do tipo de indivíduo que se quer ser e do tipo de mundo que se pretende viver (WONSOVICZ, 1999, p. 253).

Nº 9394/96, ampara esse desígnio de preparar as futuras gerações numa prática constitutiva de espírito crítico e de libertação do senso comum e para que todos os professores possam juntos acompanhar o desenvolvimento de seus alunos por meio de tal prática.

Através do diálogo professor e familiares podem incentivar os alunos a explicar e refletir acerca de suas idéias tanto na escola quanto em casa e na sociedade em geral. Portanto, incentivar os alunos a lerem para obterem mais informações que os ajudem a fundamentar suas idéias e a avaliara e conceituar outros objetos de estudo. Afinal, os alunos são parte de uma sociedade que culturalmente, ainda não se desvencilhou completamente das idéias formadas por um contexto histórico ditador, dominante e autoritário, porém já é possível perceber que a crianças hoje está refletindo antes de responder e argumentar suas idéias, porém:

É interessante que a discussão desperte nas crianças e no docente, a possibilidade de se manter a tensão intelectual e emocional no diálogo, o foco seguido pela conversação e o grau de desenvolvimento de algumas habilidades cognitivas de acordo com o planejado. Em todos os casos, importa que a filosofia seja algo interessante e prazeroso. Se uma discussão torna-se irremediavelmente monótona, aborrecida e sem sentido, é melhor interrompê-la para não estragar a relação das crianças com esse tema. Os problemas filosóficos podem ser tratados de modo profundo e interessante e podemos cuidar que assim seja em outra oportunidade e com diferentes recurso, (KOHAN & WAKSMAN, 1998, p.89).

Mas geralmente, nas primeiras problematizações feitas em sala, sobre discussão de gênero filosófico, os alunos já têm um conceito pronto, fechado, trazido de casa, da família, dos professores, forjado no meio social, contudo sem qualquer elaboração própria ou pensamento crítico sobre tal discussão como o pensamento que panelas são usadas por mulheres porque cozinhar é serviço de mulher, assim como vassoura, batom e roupas cor de rosa. Em cima destas afirmações pode-se criar então, uma discussão, onde são instigados, escutados, interrogados para que a partir destes conhecimentos, os alunos possam estar pensando sobre o assunto. Assim, os alunos argumentam e contra argumentam, derrubam tabus, elaboram idéias discutem assuntos polêmicos, despertados na discussão, sobre homossexualidade, papel do homem e da mulher na sociedade, o que faz um home ser homem e uma mulher ser mulher e assim por diante.

Se bem trabalhada, torna-se visível nos alunos a empolgação pela aula de Filosofia através de oficinas e outras metodologias adequadas. Os alunos vão ficando mais participativos, mais envolvidos com as atividades e as aulas se tornando mais interessantes. Entretanto, é importante quando essa dinâmica é mantida em outras aulas como matemática, português e principalmente nas aulas de ciências, história e geografia; utilizando textos em

Embora, entre tantas vantagens, é evidente que todo professor envolvido com o trabalho de filosofia para crianças, enfrenta também um grande desafio pedagógico, porque “ensinar a pensar”, é o primeiro passo para “ensinar a viver”, afinal:

Iniciar crianças, adolescentes, jovens e até adultos na reflexão filosófica é cultivar o pensamento capaz de fazer a necessária crítica aos significados orientadores da vida humana, assim como, despertar a criatividade que promove transformações (tornando o mundo mais habitável).

A Filosofia numa educação reflexiva cuida do desenvolvimento das habilidades de pensamento dos alunos, ao mesmo tempo em que cria um ambiente de trabalho coletivo de investigação no qual se pratica atitudes de respeito mútuo, ouvir o outro, dialogar, trabalhar e interagir com o grupo, aprender a elaborar e seguir regras, etc.¹

Assim, uma vez que alguém começa a trilhar o caminho da filosofia, esta pessoa entra em um labirinto cheio de interrogações que a acompanham sempre. Se refletir bem, é possível ver que a filosofia se ocupa das mais diversas questões relacionadas à natureza, passado, presente, futuro do ser humano, desde o nascimento, passando por toda a vida, pelas condições da existência, e até das coisas inerentes e referentes a todo o universo. Ela se ocupa também dos acontecimentos do mundo interior, do pensamento, da imaginação; e caminha cheio de indagações, de incertezas, de teorias...

1.1. Como educar filosoficamente as crianças

as crianças pequenas e a filosofia são aliados naturais, pois ambos começam com o assombro. Mas ainda, só o filósofo e o artista se comprometem sistemática e profissionalmente em perpetuar o assombro, tão característico da experiência cotidiana da criança (LIPMAN, 1999, p.24)

Assim, a inclusão da filosofia na escola, nas séries iniciais, é de fundamental importância na ajuda da estimulação do pensamento abstrato e no desenvolvimento da autonomia do pensar das crianças. Para que estas possam crescer críticas sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia e mais, possam perpetuar sua curiosidade natural, perpetuar o assombro, a admiração própria com a qual vêem o mundo.

Essa iniciativa deve ser adotada em todas as escolas, levando não só os alunos, mas todo o corpo docente a se reintegrar. Por vezes podem ser notados, muitos adultos agindo como crianças porque não exercitaram desde cedo um pensamento crítico a respeito do mundo que os rodeia. Com esse intuito. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de

¹ Extraído do texto do Programa “Filosofia Para Crianças – Educação para o Pensar” em Vantagens do ensino filosófico de Rita Foelker: http://www.criticanarede.com/filos_ensinohotmail, acessado dia 07/03/06 às 21 h.

CAPÍTULO I

1. A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DE FILOSOFIA NA INFÂNCIA

“o que é necessário é uma educação imbuída de um método de investigação comum que desenvolva a capacidade da criança abraçar tanto o seu mundo interno quanto os mundos externos da experiência enquanto, ao mesmo tempo, convida as crianças a descobrir a natureza do mundo no qual elas se encontram e como elas poderiam estar relacionar-se com ele de forma significativa” (SHARP, 199, p.64)

Com base nesta visão, atualmente pode-se perceber que há mais atividades educativas do gênero filosófico nas escolas, do que sonha a vã filosofia. Sendo assim, as crianças num trabalho intercalado às matérias curriculares, e, mesmo sem nunca terem ouvido falar de Platão ou Sócrates, devem discutir temas filosóficos, embora, é claro, sem empregar termos como “lógica”, “ética” ou “estética”. O objetivo, destas aulas, é desenvolver o “pensamento excelente”, que se caracteriza por ser crítico, criativo e elaborado. Afinal, o ensino de filosofia para crianças gera interesse, já há um bom tempo. Nas escolas que têm feito algum tipo de experiência, são percebidas vantagens sobre o assunto. As atividades normalmente envolvem educadores, alunos e pais, porque abordam assuntos da vida no dia-a-dia.

As aulas de filosofia devem acontecer a partir da leitura de algum texto, onde os alunos serão incentivados pelos professores a levantar temas para discussão. As questões suscitadas serão então relacionadas a situações-problema do cotidiano, para que as crianças se interessem por elas. Em seguida, os educadores devem promover e “facilitar” as discussões entre os alunos, para que eles façam animados passeios de “investigação filosófica” pela lógica, pela ética, pela estética, pela metafísica, pela epistemologia, pela filosofia social e pela filosofia da ciência.

Nesta perspectiva, muitas vezes, as aulas dão um arsenal para que as crianças se tornem contestadores “profissionais”. A cobrança por mais tempo e paciência para explicar o porquê das regras e restrições impostas e a exigência de uma maior coerência entre o discurso e a prática dos pais, transformam-se em atitudes que passam a ser comuns no ambiente familiar da maioria dos alunos que contêm o espírito de construção coletiva e solidária do conhecimento. Desta forma, o trabalho tem o objetivo de “promover a atitude filosófica”, isto é, convidar os alunos a não aceitar o óbvio, provocá-los a transpor a simples evidência, para ampliar a percepção das coisas e das relações, compondo novas verdades em suas vidas.



INTRODUÇÃO

O tema aqui abordado é um desafio no cotidiano escolar. As escolas estão cada vez mais percebendo a importância de realizar um trabalho reflexivo e que valorize a potencialidade dos seus educandos. Daí surgem as dúvidas: Qual a melhor metodologia de ensino-aprendizagem que deve ser utilizada nesse caso? Seria a filosofia um caminho?

Assim, este trabalho monográfico tem como objetivo aprender um pouco mais sobre a filosofia na infância, uma vez que é um assunto de grande relevância no contexto educacional e todos os professores sentem a necessidade de estarem mais bem preparados para encarar os desafios de lidar com o ser humano seja crianças, adolescente, jovem e/ou adulto que queira participar da escola. E, independentemente de quem quer que seja sua clientela, a escola deve estar apta para o ingresso, a permanência e o sucesso educacional de todos os que nela se integraram, bem como lhes garantir uma educação de qualidade, ambientes físicos e pedagógicos adequados e a promoção social de cada indivíduo que a ela tiver acesso.

No primeiro capítulo, este trabalho relata a relevância do estudo da filosofia na infância, como educar filosoficamente as crianças, e ainda, as adequações curriculares necessárias para se obter êxito educacional, bem como, a necessidade de aplicar avaliações coerentes e que valorize todas as habilidades adquiridas. No capítulo dois, as pesquisas apresentam o que a filosofia e as crianças são capazes de nos ensinar, até mesmo para nos adequar às exigências legais e à realidade de uma prática docente mais humanizada. Por fim, este capítulo relata ainda, quatro experiências realizadas com pais, alunos e professores do Colégio Estadual Gilvan Sampaio de Rubiataba, as quais proporcionam um conhecimento dos momentos mais acentuados desta pesquisa, que é a oportunidade de comprovar com a realidade as questões aprendidas na teoria.

Este trabalho é de grande relevância filosófica, pois aborda a importância da relação e incentivo que a criança recebe desde a infância, o valor do trabalho em parceria escola/família, e também, a seriedade da atuação dos profissionais que lidam com estas crianças no dia-a-dia. Esta monografia é uma grande conquista, que tem como linha metodológica: pesquisas bibliográficas (livros, apostilas, revistas, jornais, etc.) pesquisa na internet e pesquisa de campo (observações na escola, família e conversa informal com professores, pais e com os próprios alunos, além de um trabalho realizado em sala de aula). Tudo isto, oportunizam ampliação de nossos conhecimentos e aqui relacioná-los sinteticamente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1. A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DE FILOSOFIA NA INFÂNCIA.....	06
--	-----------

1.1. Como Educar filosoficamente as crianças.....	07
---	----

1.1.1. A filosofia e o currículo escolar.....	10
---	----

1.1.2. A avaliação escolar e a filosofia.....	13
---	----

CAPÍTULO II

2. A FILOSOFIA E AS CRIANÇAS.....	16
--	-----------

2.1. O que diz a legislação brasileira atual.....	18
---	----

2.2. Qual é a realidade da prática docente.....	21
---	----

CONCLUSÃO.....	24
-----------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	25
--------------------------	-----------

ANEXOS.....	26
--------------------	-----------

Minha mais sincera gratidão, às mãos que formaram o Universo, e sustenta-o no espaço; àquele que pôs o perfume no veludo da pétala e não se esquece dos membros cuidados com toda a sua criação.

Agradeço, à minha família, amigos e colegas. De maneira muito especial à minha mãe, que acreditou em minha capacidade de realizar mais este sonho e contribuiu com o meu sucesso.

Meus agradecimentos, também, a todos os meus mestres, pela dedicação e esclarecimento nos momentos de dúvidas durante este curso. E a todos os que de alguma maneira, mesmo oculta, contribuíram para que eu conseguisse contornar os obstáculos nesta caminhada.

Dedico, esta monografia a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram com o meu engrandecer, através do conhecimento. Em especial aos meus familiares, pelo apoio, compreensão e carinho, nesta jornada; e aos colegas ou professor, parceiros relevantes na busca de novos saberes.

Clédina.

CLÉDINA SILVA BRANQUINHO



FILOSOFIA NA INFÂNCIA

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia, da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como parte das exigências do curso de Licenciatura Plena em Filosofia, para obtenção do título de Licenciado(a) em Filosofia, sob a orientação do professor: Joaquim José Neto.

30793
SABRi

Tombo nº	17018
Classif.:
Ex.:	01
.....
.....
Origem:	d
Data:	27/02/2010

RUBIATABA – GOIÁS/2006

FACER- Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba
Departamento de Filosofia

CLÉDINA SILVA BRANQUINHO



FILOSOFIA NA INFÂNCIA

Rubiataba – Goiás/2006